

# NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Redacção e Administração: R. da República, 58 A - 1.º e 2.º Andar - Telex 34.

Composição e impressão: Tipografia Minerva Vimaranesa - Rua de Santo António, 133

Director, editor e proprietário - ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

VISADO PELA  
CENSURA

## CARTA a um intolerante Peregrinação à Penha CRÍTICAS pequeninas

Amigo Fernando

Continuo a desejar a tua boa saúde. A carta de hoje tem por fim falar-te de um artigo do Sr. Dr. Pinheiro Tóres, há dias publicado no Diário Portuense «Comércio do Porto». Ele diz respeito, por acaso, a conversas que temos tido sobre coisas da guerra, esse monstro tenebroso que está a envolver todos os povos do mundo numa luta sem precedentes na História. Tu, que tam injustamente tens apreciado a atitude da Inglaterra perante a agressão de que a Rússia foi vítima, deves ler o artigo em referência, cujo autor não pode ser considerado suspeito ou parcial, pois toda a gente que conhece o Sr. Dr. Pinheiro Tóres sabe muito bem que se trata de uma individualidade absolutamente contrária à doutrina comunista. Por isso, nenhuma dúvida deves ter em acreditar na sua intransigência quanto à existência do regime comunista, ideal que sua ex.ª considera inimigo comum. Iguamente sabes que eu penso da mesma forma, isto é, que sou um soldado da primeira linha contra a expansão bolchevista, motivo por que a justiça que junto de ti tenho feito à Inglaterra não significa a menor concordância com um futuro triunfo dos agentes do comunismo russo. Porém, a tua intolerância tem-te levado a tomar uma atitude de verdadeira hostilidade contra o que nos últimos tempos se tem passado entre as duas potências — Inglaterra e Rússia, acusando aquela de pretender auxiliar a expansão do comunismo, afirmação que eu tenho contrariado, mas sem, todavia, te ter condenado a pôres de parte semelhante raciocínio. Cada um pode pensar conforme entender, mas sempre dentro de um critério integrado na justiça e na imparcialidade. Portanto, caro Fernando, habituete a não seres injusto nem parcial e quanto ao auxílio da Inglaterra à Rússia lê o artigo de que te falo, inserto, como já te disse, no «Comércio do Porto» do dia 23 do corrente e do qual aqui transcrevo os seguintes períodos, na incerteza de poderes conseguir o jornal referido. Atende, pois, ao que diz o Sr. Dr. Pinheiro Tóres:

passa agora com a Inglaterra é imperativo das circunstâncias, é de lamentar que se chegasse a esta tristíssima situação resultante de atitudes anteriores mais que condenáveis. . . . Pode, por um momento que seja, alguém de boa fé supor que a Inglaterra transige com uma doutrina que é perfeitamente antagónica com aquela sobre a qual se funda a sua Civilização? Ela não procura o triunfo da U. R. S. S., mas a sua própria vitória. E' o seu caso que a preocupa; é o seu futuro que está em jogo.

. . . Se vencer, estou certo de que a infiltração bolchevista não encontrará opositor mais convencido e aguerrido do que a Inglaterra idealista, tradicionalista, individualista, monárquica, de alma profundamente religiosa, respeitadora das liberdades essenciais, sem medo das verdades, misto de senso prático e ideal, caminhando evolutivamente para o estabelecimento da justiça social. Não devemos esquecer que a condenação da plutocracia foi feita, magnificamente, por escritores ingleses como Carlyle, Morris e Ruskin, que nos ensina que se em qualquer País a Arte não é uma necessidade pública, há qualquer coisa de pôdre na sua estrutura nacional.

Lê esta carta com muita atenção e manda-me dizer se ainda continuas a manter a mesma opinião quanto à intenção da Nação inglesa no presente conflito da Rússia com a Alemanha, as duas Nações que de um momento para outro transformaram o seu pacto de amizade em cenário de ódio e de destruição. Como vês, os factos são o que são, embora te custe conceber a sua realidade.

E não te importuno mais por hoje.

Dispõe do teu am.º,  
Agosto de 1941.

Zé da Aldeia.

### A X Volta a Portugal em bicicleta

O Clube Atlético de Campo de Ourique, simpática colectividade lisboeta, que este ano tomou a seu cargo, pela segunda vez, a organização desta prova, dirigiu a diversas firmas e entidades desta cidade uma circular solicitando uma contribuição de 10\$00 para auxílio das enormes despesas que a Volta lhe acarreta.

Porque se trata da mais popular e mais importante prova desportiva do País, a que Guimarães anda ligada há alguns anos, mercê da cativante preferência dos seus organizadores, de esperar é que aquele apelo mereça o melhor acolhimento dos vimaranenses em geral e em especial das entidades solicitadas. E, como não foi possível, por falta de tempo, ir um delegado junto delas no dia em que a Volta passou pela nossa terra, muito se agradece o favor de entregar os seus donativos a Cervejaria Mourão ou ao Sr. António Faria Martins.

. . . No entanto, se o que se



Conforme já temos noticiado, realiza-se no dia 14 de Setembro a Grande Peregrinação à Virgem da Penha, onde milhares de fiéis vão implorar a Paz para o Mundo.

O imponente cortejo será presidido pelo Senhor Bispo de Gurza.

A's 8 e meia horas; No Campo da Feira, organização da **Grandiosa Peregrinação**, que às 9 horas em ponto, após a Bênção aos peregrinos, seguirá pelas ruas da cidade, Arcela e estrada da Penha, por Belos-Arês, onde se associarão numerosos peregrinos das freguesias do norte de Guimarães e concelhos de Fafe e Felgueiras.

A's 10,30 horas deve estar o imponente Cortejo em Belos-Arês e às 12 horas pontuais no cimo da Penha.

Logo que todos os Peregrinos cheguem ao Santuário Eucarístico, haverá Missa Campal e alocução.

A's 16 horas terá lugar a recitação do Terço e Bênção do Santíssimo Sacramento.

Haverá combóios extraordinários e carreiras de caminhetas. Na véspera a Montanha será iluminada.

## PRINCESINHA

Eu vejo-a caminhar quasi à fardinha  
Nos seus passinhos curtos, de princesa...  
Até há quem lhe chame princesinha,  
Tal o seu porte altivo de nobreza...

Leva sempre a seu lado a cadelinha,  
Uma branca *Lulu* que muito preza,  
Que às vezes, se se cansa, a çachorrinha,  
Ao próprio colo a ergue com leveza...

Se os olhos seus me fitam por instantes,  
Eu sinto umas fontúras perturbantes,  
Um não sei quê em mim de gozo mago!...

Gozo espiritual que me entontece,  
Chama que por momentos toda aquece  
Esta minha velhice num afago...

Agosto de 1941.

DELFIN DE GUIMARÃIS.

Quando *A Voz* de 15 de Dezembro último brindou o seu *Bazar* com o largo estudo de Costa Brochado sobre a decantada *Maria da Fonte*, fixou-se em meu espirito uma funda simpatia pelo afanoso Publicista.

Ao anunciar-se o seu **D. Sebastião**, logo o apetite de o saborear me acometeu.

Mas Guimarães fica no cabo do Mundo.

Os bons livros só tarde lá chegam.

Braga fica mais à mão de Lisboa. E foi da prestimosa Braga que me veio o exemplar desejado.

Bons vinte escudos.

Excelente papel.

Edição bem feita.

Da *Editorial Império*.

O primeiro terço do livro enfada um tanto.

Deixa intrometer-lhe outras leituras.

Passado esse terço, a figura do infeliz Príncipe é tam bem focada, é tam lindamente estudada, é tam saborosamente comentada e documentada, que a gente chega ao fim numa avidez sôfrega e irresistível.

E o D. Sebastião aparece num quadro belo que não condiz com os pessimismos da Tradição.

Ainda bem.

Costa Brochado transformou o Rei.

E que transformação ele nos dá!

Há bonitos e feios trinta anos custava 50 réis o tomozinho de 52 páginas que a Imprensa Nacional publicara com as *Bases para a Unificação da Ortografia*.

O número XVIII do Formulário ensinava a escrever: *por causa de eles não quererem; em razão de os não ter visto*. Isto a respeito de pronomes que *rejam orações do infinito*. Não falava em artigos.

Mas os artigos também são gente.

Diremos portanto: — *A razão principal de o seu filho haver sido excluído foi a aquela preguicite, aguda e crónica*.

Este rigor de escrita, que me é de alta simpatia, não é geralmente acatado, até nem é conhecido.

E caso notável. No **D. Sebastião**, de Costa Brochado, são muitos os casos aparecidos.

Notei-os nas páginas que seguem: — 17, 3.º §; 20, 2.º; 29, 6.º; 32, 4.º; 49, 5.º; 66, 4.º; 74, 3.º; 93.º, 2.º; 127, 4.º; 128, 2.º; 131, 2.º; 151, 1.º; 179, 5.º; 190, 5.º; 195, 4.º; 230, 2.º; 255, 4.º; 257, 6.º; 272, 1.º; 299, 3.º; 301, 4.º; 305, 3.º; 337, 3.º; 339, 4.º.

Dois dúzias de bagatelas: *De minimis non curat Praetor*.

As escritas *porque* e *por que* também estão mal discernidas.

Pois, apesar destes senõezinhos, a revisão do livro é uma maravilha.

E' tam belo ser justo na vida! Só assim nossa paz é bem funda.

De interesse bem variado as 184 páginas da *Revista de Guimarães*.

A prosa esmeradamente cuidada de Luis de Pina, na sua

conferência de particular saúde, percebe-se agora bem, e melhor se aprecia.

As boas seis páginas dedicadas a José Leite de Vasconcelos são de uma sobriedade e síntese que satisfazem os admiradores mais fervorosos. As dez que honram o querido João Lopes de Faria são um doce misto de carinho e gratidão.

A gente vê caras, não vê corações.

Aquele birrento titulo *Biba o B*, no «Diário do Minho» de 26, denunciava logo uma resposta a A. Reis Lima que há dias se propunha abrir campanha nortenha em favor do *v*, tam mal lido entre nós.

Ora Constantino Coelho vem explicar e justificar formosamente o estranho *b*.

E o latim e o alemão e o grego e até o hebraico entram lindamente no estudezinho do Burocrata que é *Jornalista de preço*.

Pois viva o *B*!

Com o volver dos anos vai em crescente carinho o amor de Tude de Sousa ao Gerez.

Em 11 e 14 e 27 lá nos oferece *O Comércio do Porto* as formosas demonstrações desse carinho sem rival.

A famosa caçada que *O Século* promoveu em 1908 e a de 1887 em honra da Família Real dão ensejo ao eminente Publicista para revelar uma vez mais o seu alto poder descritivo. Este amor ao Gerez é bem profundo!

Em 30 de Maio quantos anos completaria Fernando de Sousa? 86 ou 36??

O vigor e a beleza e a decisão com que fechou de vez o incidente Lelo Portela, Alfredo Pimenta, D. P. C., deixa-nos assombrados, num encanto de inesperada surpresa.

*Nemo* voltaria aos 36?

E' bem o nosso *Jornalista máximo*!

Em toda a pureza.

A secção *Topónimos Nortenhos*, que a *Revista da Arquidiocese* iniciou em Março, com o étimo de *Amares*, deu-me quasi tanto de enfado como de curiosidade.

E é curioso que ao ler Alberto de Meneses no *Correio do Minho* de 28, sobre aquele étimo, houve de encontrar-lhe mais amenidade que enfado. A investigação fatiga.

A boa prosa agrada. E assim o Alberto sobrepuja o Arlindo!

Raras vezes me não prende a *Tribuna Livre* ao serviço de *Neno*.

A de 28 prendeu-me inteiramente, harmónicamente, dominou-me.

Que equilíbrio tão belo e tão firmado!

Que nítida visão do porvir nosso!

Morreu depressa o *Fradique*. O *Bandarra* pouco mais viveu.

A *Acção* vai no seu 19.º número.

Nela se não visto lindas coi-

### GAZETILHA

Quem tem carro e anda a pé, faz a figura do Zé, que só passeia a calcantes... E eu gosto que seja assim, pois a via é um jardim, sem os motor's galopantes.

Anda a gente sossegada, já não teme a encruzilhada nem a curva traçoieira. Vai p'ra onde lhe apetece, de cautelas não carece, gira na fresca ribeira...

P'ra já, só em alguns dias é que há essas regalias... Mas se a coisa... continua, podemos ter a certeza de haver radical limpeza no mata-gente da rua.

Terão de abrir-se as cocheiras, e as tipóias e liteiras voltarão a ter usança. — Lá vai: gostava de ver os que morrem, por correr, dar nelas a «Volta à França».

A teimosa jericada tem de ser mobilizada p'ras digressões elegantes... E os cavalos e as mareas tomarão os seus lugares como no tempo de dantes.

Findam-se os esbarramentos, vão-se os atropelamentos, fica o povo descansado. O mais que pode calhar é receber, sem contar, algum coice, bem puxado.

Mas isso já pouco importa, porque nesta vida torta é tal coisa mui banal: — Em regra, por bem fazer, vem a gente a receber cada coice... bestial.

BELGATOUR.

### A Rua Dr. José Sampaio

Pedem-nos para aqui lembrarmos a necessidade de a vassoura do Município entrar em acção na Rua Dr. José Sampaio, de onde, há muito, anda afastada. E' tal a porcaria ali acumulada, originada sobretudo pela nenhuma educação e falta de respeito de alguns moradores, que deixa muito má impressão a quem por lá passa e esteja habituado a viver em limpeza.

Além disso medra também ali muita erva, que, a continuar no seu desenvolvimento, para o inverno fornecerá bom e abundante pasto...

Aqui fica a satisfação do pedido e esperamos e confiamos que providências sejam tomadas.

### Beneficência do NOTÍCIAS

Transporte 942\$10  
Da Sr.ª D. Aida Vilaça Rodrigues Lima, sufragando a alma do Sr. José de Sousa Lima 20\$00 (a)  
A transportar 962\$10

(a) A importância foi distribuída em esmolas de 2\$50 e 1\$00 e uma de 5\$00 por pobres nossos protegidos, no próprio dia do funeral.

### Casa-Vende-se

Vende-se uma casa à entrada da Rua D. João I.ª. Nesta Redacção se informa. 141

### Automóvel -- Vende-se

«STANDARD»; de mão particular; óptimo estado de conservação; motor rectificado; 4 portas; consumo, 7 1/2 litros; bem calçado com 4 pneus.

Falar directamente com João Ferreira das Neves, Tournal — Guimarães. 137

sas. Mas a linda entre as mais lindas, a rainha das lindas, é o Discurso de Gustavo Barroso na recepção fluminense da nossa Embaixada.

E como Guimarães ali figura! G.

### Imagens de hoje

## FACTOS EXPRESSIVOS

E' de registar o diálogo entre o Ministro do Trabalho, da Grã-Bretanha, com um deputado trabalhista, na Câmara dos Comuns.

Bevin, o Ministro, declarou que todas as pessoas deviam prestar o possível esforço de guerra que lhes fosse exigido. — Também os Lordes? — perguntou o deputado. — Todos — foi a resposta rápida e enérgica. «Não haverá excepções».

E assim acontece. Não só os Lordes se associaram, dedicadamente, à tarefa de vencer a guerra, mas puseram ao serviço desta causa os velhos solares e castelos, durante séculos cuidados com extremos de esmero, com os seus relevados, em torno, as árvores podadas, os canteiros graciosos e as estufas preciosas.

Hoje, naturalmente, os campos de relvas foram cavados, nos estábulos há lanks, nas estufas espingardas e metralhadoras e nos quartos dos castelos dormem soldados. Os Lordes abriram ao povo o que era regalo da família; nos seus parques fazem exercícios os Home Guards, nas sebes já não se refugiam pares de namorados, mas recrutadas em instrução, à oculta de vistas indiscretas. Os Jardins são os únicos que estão «zangados» com esta transformação e as estátuas, possivelmente, admiram-se.

Esta metamorfose das mais belas propriedades da nobreza britânica é um sintoma das transformações que estão a dar-se, hoje, na Inglaterra.

Em outros países, foi o povo que ocupou os castelos da aristocracia; na Grã-Bretanha, foram os próprios nobres que abriram os portões dos solares. Eles ainda usam os seus títulos, mas envergam o uniforme comum. Trata-se — como constata o nome de um livro de Laski — de uma revolution by consent, de uma revolução consentida.

A lista dos mortos da aristocracia britânica, nesta guerra, é já bastante longa. No castelo de Alaswick, na fronteira da Escócia, desde há tempo, está arvorada a meia haste a bandeira azul-dourado do condado. Alan Percy, conde de Northumberland, caíu na Flandres, com 27 anos de idade. A própria família real já sofreu «casualidades». Lord Frederick Charles Cambridge, primo do rei Jorge VI, foi morto no norte da França, como simples capitão. Gustavs Lascelles Hamilton-Russele, foi morto quando pilotava um avião. John Henry Crichton, quinto conde de Erne, camarista do rei, foi morto em França, quasi no mesmo local em que o pai morreu em 1914.

Outros aristocratas que, por qualquer razão, não foram julgados aptos para o serviço militar, trabalham nas diversas secções de armamento e produção de guerra.

Desde 22 de Maio de 1940, o Governo inglês pode obrigar, em virtude do «Emergency Power Defence Act» todos os homens e todas as mulheres a prestar trabalho que interesse à defesa do País.

J. C.

**Automóvel Citroen** Vende-se um II H. P. em muito bom estado, com cinco pneus quasi novos. Tem cinco lugares de livrete. 136 Falar na Garage Avenida.

### CASA

Aluga-se, com quarto de banho, na Rua Dr. Bento Cardoso, 10. Para ver e tratar, com Almério Ferra, Largo do Tournal. 132

## NOTÍCIAS DO EDIPISTA

SECÇÃO CHARADÍSTICA dirigida por Lusbel..

### III Almôço Charadístico

Conforme se tinha anunciado, e excedendo toda a expectativa, efectuou-se no passado domingo em Leixões, o 3.º almôço de confraternização dos colaboradores do «Notícias do Edipista», o qual decorreu num ambiente de franca camaradagem.

Compareceram os confrades: Alvarinto e Espôsa, Lérias e M.ª Lérias, Pacatão e Espôsa, Satanaz e Miloca, Director do «Notícias de Guimarães», P. de Inkin, Quico, Rei do Orco, Otopavlis, Romeu, Alguém, Voltaire, A. L. C., Laruce, Don Zé Franuli, Fidélido, Conde, Diadema, Rei Téxai, Tinobe, J. Gualberto de Freitas e Lusbel, quasi tudo caras conhecidas das festas anteriores e que constituem a categoria dos que nunca faltam.

Há também uma categoria especial: são os que, devido aos seus deveres profissionais, não puderam comparecer, mas que estiveram conosco em espírito, e que foram saudosamente evocados por Satanás num dos seus brilhantes improvisos.

Mas, depois, há ainda outras categorias de quem nem vale a pena fa-

LEIXÕES, 24 do mês e ano presente.

### III Ajuntamento «Mastigô-Charádico»

Por artes do «diabo Lusbel» e com a cooperação de pessoa «pacata», levou aquele malfadado espírito, a efeito «positivo», a realização de mais um almôço «beni arranjádico», para solenizar mais um aniversário da Secção Charadística que dirige, no já conceituado órgão vimaranense — «Notícias de Guimarães».

Convidados por este «espírito satânico-lapucico» para darmos a nossa adesão, não nos fizemos rogados em demasia e, com a nossa «farda» de gala, comparecemos.

Como começou, «meou» e findou o supracitado dito cujo III Ajuntamento «Mastigô-Charádico», apreciámos os respeitáveis leitores, dando-se à pachorra de percorrer as suas órbitas pelo que seguiu:

Dia 24 de Agosto. Dia de aniversário «duplo». Talvez por esta razão o dia surge um pouco nublado como que a preparar uma «pirraça» aos festejados.

Mas era dia de festa e festa rija e por isso o Astro Rei, querendo brindar os aniversariantes com o mais belo presente que lá do seu longínquo reinado poderia enviar à terra — o Sol — ofereceu-nos um dia límpido e quente.

Estamos na majestosa e improvisada estação madeirô-central da Companhia dos C. Ferro do Norte: São 9 horas e pico e o «fragolas» vai partir. Já «engaiolados», tivemos o prazer de ver um punhado de confrades, entre os quais «Alguém», Coitado deste amigo! Que mágoa oliná-lo! No seu corpinho franzino, mais alto que baixo e mais estreito que largo, sem óculos, amparado pelo A. L. C., tivemos a impressão dolorosa de que «Alguém» já não era o... dito! Lá estava a «confortá-lo» o incansável «Tinobe», acompanhado do seu dedicado bigodinho «et negrum azevichicum». O Sr. «Conde», aristocrata por excelência, envergando o seu fato domingueiro, procurava cooperar na missão altruísta do «conforto». «Laruce», o simpático de sempre, sollicito, secundava a intenção daqueles. Dirigimos algumas palavras afectuosas a estes amigos e, deixando-os, fomos cumprimentar sua «alteza-diabólica» — «Rei do Orco» — que se fazia acompanhar do seu mais dilecto pagem — «Otopavlis».

Admiramos esta aliança da velha guarda, sempre firme e sempre moga! É caso para dizermos: Charadistas e vinho do Pôrto, quanto mais velhos... melhores!

O «trem» acaba de descolar. Lá vai seguindo adiante, através dos campos e «túneis» da nossa «aldeia», a caminho da Senhora da Hora.

Chegados a este grande entroncamento internacional, eis que divisamos os mui dignos representantes de Afonso Henriques, o qual, na impossibilidade de comparecer, enviou uma bem constituída «equipe» para todas as modalidades. Cumprimentos, abraços e... estava tudo em família.

O «fragolas» de bronca, resfolega, sacode-se todo e... toca para Matozinhos. Como a viagem é longa e monótona, os confrades, para passar o tempo e não perderem a jeiteira, discutem arbitragens, classificações, charadas, etc. Entretanto chegámos a Matozinhos. Por erro de «arbitragem» feita por «Laruce», apêmo-nos nesta cidade sardinhástica à beira-mar prantada, e vai senão quando... Leixões ficava lá ao longe e o «trem», também já ia longe para que o pudéssemos apanhar. Solução?! Pusemos os pés ao caminho e, pachorramente, seguimos para o «Bem Arranjádico». Logo que che-

gámos, «Lusbel» alija a sua valiosa «carga» — um grande «malão» emprestado por sua Alteza D. Afonso. Os restantes refestelam-se nas cadeiras «bem arranjádicas». «Laruce» enjoadado com a viagem e para preparar convenientemente o fole das migas, toma um aperitivo... bicarbonático!

Refeitas as forças, partimos para a praia. Decorridos alguns instantes, nota-se a falta de «A. L. C.», «Alguém» e «Conde». Como se tratava dos mais pequenos e muito traquinas charadistas da caravana, «Tinobe» mostra-se preocupado, não tenham os «miúdos» caído ao mar... Embora sobressaltados, seguimos para Leça, onde o diabólico «Lusbel», armado em senhor da cidade, óculos pretos aferrados às órbitas, passeia sobre a areia para mostrar que sobre terrenos mudiçados é um tal entendido. Um pequeno descanso para alguns refazerem o «saco», umas «fotos» e eis-nos de volta para o «Bem Arranjádico», onde o repasto nos espera. Somos 26, mas já é uma hora e «Lérias» e «Madame dita» ainda se encontram a distância.

Dado o toque de reunir «massas», todos comparecem com os «milhos». O mestre de cerimónias — este vosso criado — dispondo cada qual no seu lugar, dá o sinal de alarme para a cozinha e começam a surgir os primeiros «frades». Nesta altura já «Lérias» e «Madame» estão presentes. O almôço corre alegre e o conteúdo dos pratos também vai correndo para os nossos já revoltados estômagos. Primeiro intervalo.

«Voltaire», que já está relativamente bem arranjádico, levanta-se para fotografar a primeira... prestação de comilões.

Renovando o ataque e já «arranjádissimo», levanta-se, sobe a uma tribuna «bancária» e diz: —

Confrades e com... fardas! Tragavos as melhores e mais saudáveis saudações dos XX, dos HH e de YY. Eu também vos saúdo particularmente para que possais admirar a minha eloquência filosófica.

Tendo-se sua ex.ª pronunciado durante quasi duas horas, apceu-se e... calou-se.

Muito ovacionado, acaba de fotografar a última prestação. Ficará desta forma aberta a «audiência» para exibirem os seus dotes de boa garganta, todos os que pretendessem «obrar». A. L. C. entra na «berlinda» ou melhor, trepa para cima de um banco, transformando-se rapidamente de pigneu em gigante Adamastor e brada, empunhando uma máquina «mortífera»: — Aqui dentro, aqui é que está... o segredo! Já apeado e no seu lugar, este confrade amigo, que voltará à primitiva fase, fala, e fala muito bem. Diz o que lhe apetece e porque se portou bem, entregam-lhe uma valiosa salva... de palmas! «Lusbel», um diabo com o posto de director de secção, dirigindo-se a todos num improviso rápido, entrega a «Alvarinto» uma lembrança como recordação das suas «dezóito» loiras e rosadas primaveras. Em seguida procedeu-se à «extração» de uma sincopada com prémio, oferta deste vosso criado, a qual, depois de grande luta e variados «apitamentos», foi «sacada» pelo já consagrado «P. de Inkin», que, como mascote, trouxe a sua luzidia careca!

Vai falar outro diabo, mas este é «Satanás»!!! T'arrenego!

Surgindo lá do fundo da sua cadeira, «Satanás» ergue-se e vê-se... porque está presente e é... graúdo!

### Pacos dos Duques de Bragança

Foi concedida, pelo Fundo do Desemprego, à Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, a comparticipação de Estado na importância de 100.000\$00, para trabalhos a realizar nos Pacos dos Duques de Bragança, em Guimarães.

Com o seu potentíssimo micro-guêlico, fala, fala e todos o escutam, como se êle fôsse Santo António falando aos peixes. Não teriam sido bem cinco horas, aquelas que falou... mas quasi! Magistral, simplesmente assombroso!!!

Verdades como punhos... que dentro de alguns bem calaram. No latim, foi, como sempre, um portento, e nós que andamos fazendo «et tirocinum» ficamos satisfeíssimos. Quando «Satanás» findou a sua soberba «audição», viam-se lágrimas nos olhos de algumas «confrades» paraquedistas! Seguidamente, fala o Rei do Texas, vulgarmente conhecido por «Rei Téxai».

A. A. C. I., nomeando-o seu representante oficial, obrigou-o a dizer algumas «gracinhas» a todos e especialmente ao «estilizado» «Alvarinto».

Palmas e mais palmas e volta «Lusbel» à baila. Uma vez mais, este varão ilustre, representante acreditado junto de D. Afonso Henriques, usa da palavra e por fim... do gesto, gesto este que se resumiu na distribuição de alguns «brinquedos» por alguns dos presentes e que estavam há muito prometidos... e ganhos! Vários charadistas receberam um diploma de... bem comportados!

Nesta altura entra o «Alvarinto», o menino de ouro, um dos grandes do dia. Este confrade, que por sinal é «Piuto», pouco «piou», mas «piou» para agradecer as palavras amigas que lhe foram dirigidas.

O autor destas mal alinhavadas linhas, também deixou espiche, unicamente para fazer uma saudação ao seu querido Mestre, o «O Poeta das Dúzias», saudação que «Pacatofilamente» foi secundada pela «troupe».

Uma ovação estrondosa faz-se ouvir e a comção que então se apodeou de nós é de tal forma, que as lágrimas em torrente deixaram encharcadas as «charlateiras» da nossa «farda».

Propositadamente, deixamos para o final as palavras proferidas pelo Ex.º Director do Jornal «Notícias de Guimarães». Sua ex.ª foi breve nas suas considerações: Saudou os confrades e particularmente as senhoras presentes, agradecendo a sua presença a uma festa que bem demonstrava a amizade que todos tributavam a «Lusbel» e contribuíam assim para estreitar cada vez mais os laços de amizade que ligavam todos os charadistas. Demonstrando o seu contentamento, sua ex.ª fez desparar numa charada, cujo tema exalçasse a nossa Pátria, algumas lembranças que trouxera de Guimarães.

Os «galifões» lançam-se no encaicho dos almeçados prémios e... dentro de breves minutos, cortam a «meta» os seguintes «sprinters»:

Camisola amarela, «Conde»; segundo, «Alvarinto»; terceiro, «Laruce». Num esforço digno de referência especial, o autor destas consegue «arrancar» o quarto e último lugar! Por que sofrera inúmeros «furos», a equipe lisboeta atrazou-se, não conseguindo colocar-se, como esperávamos. Paciência! Ficará para o ano.

5 horas e meia já soaram. Ouve-se o toque de destroçar e dentro de poucos minutos ficava o «Bem Arranjádico» totalmente «destrachado».

Já com o mar à vista, fazem-se alguns «clichés» e procede-se à despedida, visto que a «embaixada» de Guimarães tem de partir e as horas apertam.

Um «severiano» conduz-nos à desfilada a caminho da estação.

Chegados ali, rapidamente nos despedimos e... lá foi o «trem» com «Lusbel» e a sua comitiva. E assim findou um dia memorável, uma festa alegre e fraternal que não poderão ser olvidados nestes 15 dias mais próximos.

### Notas importantes e... de valor:

Alvarinto, Lérias, Pacatão e Satanás, apresentaram-se no almôço com as suas mais queridas «fardas» de gala.

— Simpática a nota a que tivemos o prazer de assistir: A reconciliação entre «Rei Téxai» e «Satanás» e «Alvarinto» com «Conde».

— «Bem arranjádico» cumpriu e bem. O «roxo» embora «camuflado», ganhou por K. O. ao «adversário» de Santo Tirso, o que constituiu uma vitória de mérito. Pena foi que os «rondes» fôssem... poucos!

— «Lérias» representava o grupo charadístico «Os X»; «Rei do Orco», representava «Olegna» e «Quim Mosquito» e «A. L. C.», o nosso amigo «Rocambolo», que por estar adoentado, não pôde comparecer.

— «Rei Carto», que o serviço reteve, ainda nos deu o prazer da sua visita, no final da festa.

— Foi saudada a imprensa charadística em geral, e em especial «O Charadista», «A Charada» e o «Retiro dos Pacatos».

O autor deste arrazoado, manifestava-se muito grato a todos, pelas «cordadelas» de casaca com que, por ventura o tenham mimoseado quanto à organização do almôço e não dizendo que vai daqui, subscreve-se,

Pacatão.

### Crónica Tripeira

## SAIAS AO VENTO

Hoje, talvez mais do que nunca, temos de olhar as mulheres com os olhos arregalados. A guerra modificou tudo. Leva os homens para as fileiras e preenche os lugares com as nossas admiradoras.

Quem me pode garantir que amanhã as mulheres não calcem as suas botas de água e venham lavar as ruas, não ponham um boné de pala alta e sirvam de guarda-freio nos eléctricos?

A mulher que deseja ser aquilo que nunca foi e que copia dos homens tudo o que pode, talvez dentro em pouco desempenhe um papel que nunca conheceu. Mas, enquanto isso não se dá e enquanto elas não açambarcam todos os emprêgos dos homens, nós continuamos a mirá-las e remirá-las, com a mesma atenção com que se observa uma árvore nova para ver quando dá os primeiros frutos.

E elas deixam. Até vêm para as ruas provocando-nos a curiosidade com saias de dois palmos.

Os homens devoram-nas com o mais faminto dos olhares. Já tenho visto fedelhos, com olhos sófregos, a descobrir encantos, e velhos arrebitados assestarem lunetas e abanarem as cabeças como quem já está desiludido de viver alegre no meio de tanta mocidade.

As saias... O que poderia dizer-se deste bocado de chita que para aí se vê! Todos os tons, todas as cores, todas as formas, todos os feitios.

Encobrem um mistério. São as barreiras dos olhos e sem elas a beleza da mulher seria como a aragem em tardes ardentes de estio: sente-se mas não basta para nos refrescar e satisfazer.

Não sou daqueles que criticam a saia curta. Gosto até que seja assim, embora ridicularize os excessos. Não faz sentido que a mulher oculte as pernas — pedestais da sua beleza e baluartes da nossa atracção. Simplesmente acho detestáveis essas saias, aliás raras, muito justinhas ao corpo, talvez para economizar pano. Dão-me a impressão — salvo seja! — de cavalos travados.

Agora dessas saínhas vistosas, de cores variegadas, a esvoaçar ao vento, quem deixará de gostar?

Mas o ponto principal está no talho e na altura. O encanto reside naqueles dois centímetros da coxa que, ao andar, exibem garbosamente. Nem mais nem menos. Só ali! Se descessem mais um bocado, perderiam toda a graça e seria o mesmo que um painel ocultando uma cena que nos emocionou; se subissem um centímetro que fôsse, já não nos despertava tanto a atenção. Ali está tudo.

As saias das mulheres são quasi a única variedade no meio deste rotinismo da vida. Lembram-nos muitas coisas e fazem-nos esquecer outras tantas. Mas, senhoras, tende pé na dos homens. Não os provoques nem embriagueis tanto com a curva dos joelhos, porque senão, dentro em pouco, temos o mundo maluco — e maluco por vossa causa, por causa dessas saias que nos fazem andar a cabeça à roda, como o vento que as ergue, de mansinho.

Ferreira Tórres.

### Prédio em Vizela

Vende-se um prédio na Rua Dr. Abílio Tórres. Para informações, falar no Pôrto no Banco Borges & Irmão, e em Vizela com Artur Teixeira da Costa e Silva. 140

Em Férias  
NOS DOMÍNIOS DA RETÓRICA

Se é certo que o parlamento do chamado regime demo-liberal, nos seus últimos tempos, se havia grandemente desacreditado, no nosso País — a ponto da revolta triunfante de 23 de Maio de 1926 haver, imediatamente, encerrado o velho Palácio de S. Bento, só voltando a reabri-lo, totalmente renovado, em aspecto material e em feição espiritual, nove anos depois — não é menos verdade que os seus próceres, ou sejam os introdutores das idéias liberalistas, em Portugal, se esforçaram, ao máximo, por prestigiarem as suas novas Cortes Gerais.

Mendes dos Remédios, na sua tão copiosa História da Literatura Portuguesa, ao abordar tal momento histórico da nação lus, comenta: «Com a conquista das idéias liberalistas e implantação do regime representativo, abre-se uma época gloriosa para a eloquência parlamentar de Portugal. A convicção ardente, que impeliu para o campo da batalha os defensores da liberdade, levou-os igualmente à tribuna, onde puseram a sua palavra na defesa dos seus ideais».

Depois, destaca, como grandes figuras dessa já hoje recuada época, Manuel Fernandes Tomás, conhecido por «patriarca da liberdade»; Manuel Borges Carneiro, mais jurisconsulto do que orador; Rodrigo da Fonseca Magalhães, político hábil e astuto, a quem os coevos chamavam «a raposa»; Almeida Garrett e Silva Passos, que de-veras se preocuparam com as questões do ensino nacional. Por fim e apelidando-o de «príncipe incontestado da eloquência parlamentar portuguesa», cita José Estêvão Coelho de Magalhães. «Nem antes nem depois dele, a liberdade teve mais enérgico e devotado apóstolo. A sua palavra tinha o poder de terminar todos os auditorios. Arrôjo nas imagens, grandeza nas concepções, uma forma ampla e vasta, posta ao serviço da mais completa vocação oratória, fizeram de José Estêvão um tribuno insigne, cujo nome será sempre recordado com admiração» — conclui o douto professor universitário e não menos insigne historiógrafo literário português.

Para nós, Mendes dos Remédios é insuspeito. Faz história imparcial, não obstante as suas tendências anti-liberalistas, que o levaram, por direito de conquista, a sobraçar uma pasta de ministro do Estado Novo. Todavia, no seu excelente estudo, o único que orienta, ainda hoje, as novas gerações, esqueceu-se de lhes mostrar o reverso da medalha. Encarregou-se, porém, da tarefa, na sua também valiosa História da Literatura Portuguesa, José Agostinho que, ao tratar da mesma agitada época, tem dúvidas se «todos esses arrojados torneios oratórios, êsses amontoados de sonoros apóstrofes e hipérboles e êsses encantamentos de forma e de dição redundaram em prol do levantamento da Nação ou da Grei ou se apenas serviram para fazer Arte pela Arte...»

Sim, porque nem só Cunha Leal e seus sequazes derrubavam Governos, partindo secretárias; nem só João Camoesas e acólitos fizeram discursos de «legra da Póvoa», para segurarem os Executivos, em horas de transe... Logo nos primórdios do constitucionalismo luso, vultos da craveira de José Estêvão e Rodrigo da Fonseca, nas auspiciosas Cortes Gerais, se entreteram com jogos florais de palavras, em desprestígio do poder soberano. De-não o leitor o seu braço amigo, recue uma trintena, percorra algumas das então tam apreciadas Cartas de Lisboa, para O Primeiro de Janeiro, atribuídas ao também famoso parlamentar, José Maria de Alpoim; e leia, conosco:

«Senhor Presidente — exclama José Estêvão, ao dar por findo um dos seus discursos de ataque ao Ministério chefiado por Rodrigo da Fonseca — o povo não conhece os seus direitos; porque, se os conhecesse, arrastaria ao Ministério, vestia-lhe a alva de condenado, punha-lhe a corda ao pescoço e levava-o ao patíbulo!»

Levanta-se, imediatamente, o Chefe do Governo e replica: «E' pena, Santo Deus, é realmente pena, que o orador, tendo paramento tão bem a vítima, se esquecesse de lhe pôr, nas mãos, o crucifixo!»

Não se desconcertou José Estêvão. Fitando Rodrigo da Fonseca, com a sua voz estentóricas, contraplica: «Não me esqueci, Senhor Presidente, não me esqueci; se lhe não pus, nas mãos, o crucifixo, é porque o Ministério morre impenitente!»

Caldas de S. Miguel, 22 de Agosto de 1941.

António José de Oliveira.

Câmara Municipal

Sessão do dia 27.

Novo Chefe da Secretaria — A Câmara resolveu nomear para o cargo de Chefe da Secretaria Municipal o candidato à referida vaga, Sr. Dr. Artur Merlim Nobre, que actualmente exerce o cargo de 2.º oficial na Câmara Municipal de Cascais.

Voto de sentimento — A Câmara resolveu mais exarar na acta um voto de sentimento pelo falecimento do Sr. José de Sousa Lima, filho do vereador municipal, Sr. António José Pereira de Lima.

José de Sousa Lima

O SEU FALECIMENTO

Após cruciantes e prolongados sofrimentos finou-se na madrugada de terça-feira, na sua casa, situada no lugar da Cantonha, na freguesia da Costa, o nosso prezado amigo Sr. José de Sousa Lima, que contava 49 anos de idade e era muito estimado no nosso meio, mercê das suas belas qualidades de carácter e de espírito.

Há muito já que o saudoso finado lutava com uma pertinaz enfermidade que o veio a vencer, como há muito já se esperava, infelizmente, não obstante os bons e aturados esforços da medicina.

O Sr. José de Sousa Lima era filho do respeitável vimezanense e importante industrial, o nosso prezado amigo Sr. António José Pereira de Lima, proprietário da Fábrica do Arquinho, e da Sr.ª D. Maria de Sousa Almeida Lima, e cunhado da esposa do nosso prezado amigo e abastado capitalista Sr. João Rodrigues Loureiro, irmão das sr.ªs D. Delmira de Sousa Lima Rodrigues, casada com o também nosso amigo e importante industrial sr. António José Pereira Rodrigues, D. Maria de Sousa Lima e D. Emília de Sousa Lima e do nosso prezado amigo sr. António de Sousa Lima, casado com a sr.ª D. Ana de Moura Moniz Lima.

Vimezanense devotado, muito esmero e extremamente bondoso, o nosso amigo que a morte acaba de ceifar, procurou sempre prestar à sua Terra os serviços que lhe eram exigidos, tendo trabalhado em algumas corporações. Aos pobres dava tudo: o seu coração e a sua bolsa.

Foi sempre um grande entusiasta da Montanha da Penha e por lá viveu muitas horas da sua vida. Ao Clube dos Caçadores e Atrapadores Civis de Guimarães, à Banda dos B. V. de Guimarães e outras corporações, prestou também o seu apoio.

Embora, como acima dizemos, já esperada, a sua morte foi muito sentida não apenas nesta cidade mas também em outras localidades onde o nome e as virtudes de José de Sousa Lima eram conhecidas.

O seu cadáver esteve velado, durante o dia de terça-feira e a noite, por pessoal da Fábrica do Arquinho, por muitos amigos dedicados do extinto, por pessoas de família e, ainda, pelos componentes da Banda dos B. Voluntários.

A casa do extinto e bem assim ao Palacete da Cantonha, vivenda de seu dedicado pai, correram durante aquela dia e noite inúmeras pessoas de todas as posições sociais, que foram ali apresentar condolências.

O cadáver, que se achava encerrado em luxuosa urna de mogno e rodeado de formosíssimas flores e arbutos, foi conduzido na manhã de quarta-feira e com numeroso acompanhamento para a igreja da Misericórdia, onde, às 11 horas, tiveram lugar a missa do corpo presente e os respectivos de sepultura.

A assistência aos actos fúnebres foi numerosa e selecta, a-pesar de não terem sido feitos convites, e viam-se, entre ela, as seguintes entidades: Presidente, Vice-Presidente e Vereadores da Câmara Municipal; Arcipreste; Junta de Turismo, Comissão de Melhoramentos da Penha, Mesas das Irmandades dos Santos Passos, S. Gualter e N.ª S. do Carmo da Penha; Mesa da V. O. T. de S. Domingos; Direcção dos B. V. de Guimarães, Chefe e guardas da P. S. P., Banda dos B. V. de Guimarães e piquete da mesma Corporação, Presidente do Grémio da Lavoura, Seminário da Costa, Direcção do Vitória S. C., Direcção do Clube de Caçadores, médicos, advogados, clérigos, capitalistas, oficiais do Exército e da Armada, proprietários, industriais, comerciantes, representantes de diversos sindicatos, funcionários públicos, representantes do Automóvel Clube de Portugal, Direcção da Caixa Escolar da Escola I. e C. Francisco de Holanda, Direcção da Casa dos Pobres, muitas Senhoras, instituições beneficentes, Irmãs Hospitalares, pessoal da Fábrica do Arquinho, etc., etc.

De diversos pontos do País, principalmente do Porto, Braga, Felgueiras, Póvoa de Varzim, Vizela, Fafe, Taipas, Pevidém e outras localidades, vieram numerosas pessoas associar-se às importantes homenagens fúnebres.

Celebrou a missa do corpo presente o Rev. António Teixeira de Carvalho que rezou, também, ladeado por diversos eclesiásticos, os responsos de sepultura.

A chave do caixão foi entregue ao íntimo amigo da família dorida, Sr. Dr. Mário Dias de Castro.

Mendes pelo sr. António José Pareides; o sr. José dos Reis Teixeira por seu genro o sr. Fernando Setas; a firma Freitas Pereira & C.ª pelo sr. Raúl Rocha; o sr. Alberto Pimenta Machado por seu cunhado o sr. Domingos Mendes Fernandes; o sr. José Maria Félix pelo nosso camarada sr. João de Deus Pereira; o sr. José Pinheiro Guimarães pelo sr. Francisco da Costa Magalhães; o nosso distinto colaborador sr. Delfim de Guimarães, pelo sr. Américo Alves Ferreira; o sr. João Teixeira de Aguiar pelo sr. Camilo Laranjeiro dos Reis; o sr. Major Alberto Margaride pelo sr. Domingos Freiria; o sr. Joaquim da Cunha pelo sr. Abel Pereira da Cunha; o sr. Manuel José de Carvalho por seu filho o sr. Lúcio Carvalho; a Mesa da Santa Casa da Misericórdia pelo seu Provedor sr. José Gilberto Pereira; o sr. Joaquim Laranjeiro dos Reis pelo sr. Alberto Laranjeiro dos Reis; o sr. Jaime Sampaio por seu pai o sr. Jerónimo Ribeiro da Costa Sampaio; o sr. José Jacinto Júnior por seu filho o sr. José Jacinto de Carvalho; os srs. António José Lopes Correia & F.º pelo sr. Francisco Lopes Correia; a Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães pelo sr. João António Sampaio; a Direcção da A. H. dos B. Voluntários de Guimarães pelo sr. António Faria Martins; o Banco Ferreira Alves pelo sr. José António Xavier de Matos Guimarães; os srs. António da Costa Guimarães, F.º & C.ª, pelo sr. Afonso da Costa Guimarães; o sr. Jaime Leite Pereira da Silva pelo sr. António Leite Pereira da Silva; a Fábrica de Tecidos da Cruz de Pedra, Lt.ª, pelo sr. Antero H. da Silva; o sr. Tenente-Coronel Francisco Martins Ferreira por seu filho o sr. Dr. José Maria de Castro Ferreira; a Junta de Turismo da Penha pelo sr. José Luis de Pina; os srs. Teixeira d'Abreu & C.ª pelo sr. Oscar Avelino Pires; o sr. Dr. José Pinto Rodrigues pelo sr. Dr. Adelino Ribeiro Jorge que também representava o sr. Francisco da Cunha Mourão; o sr. Cap. Duarte Fraga por seu filho sr. Francisco Fraga; a União Eléctrica Portuguesa, o sr. Dr. Ruella Ramos e o Engenheiro sr. Mamede Fialho pelo sr. Abel Mário Lemenn; o sr. Dr. Alberto Ribeiro de Faria pelo sr. Dr. Alberto Rodrigues Milhão; os Sindicatos N. dos Caixeiros e dos Op. da Indústria Têxtil, respectivamente pelos srs. Francisco Laranjeiro dos Reis e José Caldas; o sr. Guilhermino Barreira pelo sr. Manuel A. Barreira; o sr. José Fernandes Guimarães e o sr. Augusto Pinto Lisboa pelo sr. José Fernandes Ribeiro Gomes; o sr. Francisco Ribeiro de Castro pelo sr. Francisco José Ferreira de Oliveira; os srs. João Pereira Mendes, Domingos Pereira Mendes e Freitas Mendes Fernandes & C.ª, pelo sr. Francisco Ramos Martins Fernandes; o sr. António de Jesus Teixeira e o sr. Mário Cunha de Almeida Ferreira pelo sr. Militão Teixeira; o nosso colega «Correio do Minho» pelo nosso camarada sr. José Gualberto de Freitas; o sr. Francisco de Assis Pereira Mendes por seu irmão o sr. Manuel Pereira Mendes; o sr. Dr. Armando Teixeira de Faria por seu pai o sr. Francisco de Faria; a Fábrica do Cavalinho pelo sr. José da Silva Gonçalves; a Companhia de Fiação e Tecidos de Fafe e os srs. Bento dos Santos Costa & C.ª, Lt.ª, pelo sr. Constantino Santoalha; os srs. Fernando Almeida & C.ª pelo sr. Bráulio Teixeira Carneiro; o sr. Alberto Vieira Braga pelo sr. António Alves Martins Pereira; o sr. Dr. João António de Almeida e o sr. Francisco Gonçalves da Cunha pelo sr. Dr. Mário Dias Pinto de Castro; as Agências dos Bancos de Portugal e Nacional Ultramarino, respectivamente, pelos seus gerentes srs. António José Casaca e Artur da Silva Pereira, etc., etc.

Em sufrágio da alma do extinto, seu pai mandou distribuir avaluadas esmolas pelas seguintes instituições beneficentes: Entrevados dos Santos Passos, Oficinas de S. José, Creche da V. O. T. de S. Francisco, Asilo de Santa Estefânia, Entrevados de S. Domingos e pobres das freguesias de S. Miguel de Creixomil, onde o extinto nasceu, e de Santa Marinha da Costa, onde residiu e morreu.

(Ver secção de «Beneficência» do Noticiário).

Sobre a urna foram colocados formosíssimos ramos de flores naturais, com sentidas dedicatórias da família.

A igreja da Misericórdia foi pequena para comportar todas as pessoas que ali foram prestar a derradeira homenagem ao saudoso vimezanense.

O funeral esteve a cargo da conceituada casa Eugénio & Novais e foi dirigido pelo amigo da família dorida sr. Américo Alves Ferreira.

O Museu Alberto Sampaio encerrou as suas portas, em sinal de sentimento, no dia do funeral.

Notícias de Guimarães, que se fez representar no funeral pelo seu Director, apresenta a toda a família enlutada as suas sentidas condolências.

da cidade

Bôdas de ouro de duas Religiosas

No modelar Colégio do Sagrado Coração de Maria (Vila Pouca), nesta cidade, realizaram-se ontem, com a assistência de individualidades em destaque no meio católico, imponentes solenidades para comemorar o 50.º aniversário de Profissão das religiosas Madre Maria da Assunção de Brito e Madre Maria d'Assis Gomes, que ali vêm desenvolvendo uma notável actividade ao serviço da nobre Causa da Igreja, norteadas pelo admirável lema: Tudo para JESUS por MARIA.

As cerimónias iniciaram-se às 7 horas da manhã com a Santa Missa e Comunhão, e prosseguiram pouco depois das 10.30 horas com Missa Pontifical em que foi oficiante o Rev.º D. Agostinho de Jesus e Sousa, Venerando Bispo de Lamego, teuto prégado, ao evangelho, S. Ex.ª Rev.ª o Senhor Arcebispo Primaz, D. António Bento Martins Júnior.

Após o almoço dos Prelados e outras individualidades, o Senhor Arcebispo Primaz deu recepção, e as comemorações terminaram com sermão pelo Rev. Joaquim Moreira Neto, Te-Deum e bênção do SS.º Sacramento.

Não nos é possível dar, neste número, uma mais desenvolvida notícia de tão imponentes solenidades, o que faremos no próximo.

Agradecemos, porém, desde já e muito reconhecidamente, o gentilíssimo convite dirigido ao «Notícias de Guimarães», que cumprimenta respectivamente as duas venerandas Religiosas, associando-se às homenagens que lhes foram prestadas naquele dia, que deve ter lhes deixado o coração a transbordar de alegria.

Diversas Notícias

Castelo de Guimarães

Por falta de pessoal competente para fiscalizar a execução do horário de abertura e encerramento do Castelo de Guimarães, pediu a sua de missão do cargo de Director do mesmo estabelecimento público o nosso prezado contrerâneo Sr. Alfredo Guimarães.

Delegado do Procurador da República

Encontra-se interinamente a exercer as funções de delegado do Procurador da República, o nosso amigo Sr. Dr. Artur do Couto.

Roubo de uns toiros

Recolheu aos calabouços da P. S. P., José Salgado, «José das Quintas», casado, lavrador, da freguesia de Fafe, autor do furto de uma junta de toiros, praticado a António Fernandes, casado, proprietário, da freguesia de S. Miguel das Caldas.

Pela Policia

Alberto Andrade, casado, de 30 anos, sapateiro, morador na Rua Egas Moniz, agrediu com um martelo Emiliano Abreu, casado, picheleiro e Deolinda da Silva, casada, doméstica, moradores na referida rua, produzindo-lhes alguns ferimentos. Os feridos foram pensados no Hospital da Misericórdia e o agressor foi preso e entregue ao Poder Judicial.

Festejos ao S. Roque

No lugar do mesmo nome realizaram-se no domingo os anunciados festejos ao S. Roque, que ali atraíram numerosas pessoas.

Falecimento

Na sua residência, à Rua da Liberdade, e contando 46 anos de idade, finou-se o Sr. José da Silva Correia Braga, filho do industrial de padaria, Sr. Manuel Ferreira Braga. O seu funeral realizou-se para o Cemitério Municipal. Pêzames à família.

Autor de uma desordem

Foi preso Albino Ribeiro, casado, tamanqueiro, de V. N. de Sande, autor de uma desordem numa festa que se realizou em Ponte.

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Normal, ao Largo do Toural.

Música no Jardim Os concertos pela Banda dos B.V. no Jardim Público, às quintas-feiras e domingos, passaram a iniciar-se às 21.30 horas, terminando às 23.30.

TEATRO JORDÃO

QUINTA-FEIRA, 4 de Setembro, às 21 1/2 horas:

A Tortura da Carne

O mais amargo drama que o cinema tem apresentado e em que é principal protagonista o grande actor russo AKIM TAMIROFF

DOMINGO, 7:

PAUL MUNI, o genial actor em

Baía de Hudson

nosso prezado amigo sr. Alfredo Guimarães. Desejamos as suas breves melhoras.

Tem passado ligeiramente encoimado o distinto advogado e nosso bom amigo sr. Dr. António do Amaral, que se encontra nas suas propriedades de Souto.

Também tem passado doente a estimada dama vimezanense sr.ª D. Maria da Madre-de-Deus Teixeira Carneiro. Desejamos as melhoras dos doentes.

Nascimentos

Teve a sua délivrance, dando à luz uma criança do sexo masculino, a esposa do nosso amigo sr. Alberto Augusto Pinheiro. Parabéns.

Aniversários natalícios

Fazem anos: No dia 1.º do nosso amigo sr. Eduardo de Oliveira Machado; no dia 5.º os nossos prezados amigos srs. Manuel e José de Oliveira Cosme; no dia 4.º o nosso prezado amigo e distinto clínico sr. Dr. Carlos Saraiva e, no dia 7.º, os também nossos prezados amigos srs. Alfredo Guimarães, illustre Director do Museu Alberto Sampaio, e Alberto Maria Leite.

A todos, endereçamos as nossas efusivas saudações.

Vida Católica

Senhor da Agonia e N. S.ª da Guia — Nos dias 7 e 8 de Setembro próximo, realizam-se as festividades em honra do Senhor da Agonia e de N. S.ª da Guia, que se veneram na capelinha da Senhora da Guia, ao Largo 1.º de Maio, com o seguinte programa:

Dia 7 — A's 8.30, Missa cantada em honra do Senhor da Agonia; às 19 horas, conclusão da novena em honra da Senhora da Guia. A' noite, a frontaria da capelinha e as sacadas dos prédios do Largo estarão iluminadas e embandeiradas.

Dia 8 — A's 8 horas, Missa rezada; às 9 horas, Missa cantada em honra de N. S.ª da Guia; às 18 horas, exposição do SS.º Sacramento, sermão pelo rev. Manuel de Freitas Leite, digno Reitor de Creixomil, Te-Deum e bênção do SS.º Sacramento.

Durante os dois dias a capelinha, que ostentará uma vistosa decoração da Casa Eugénio & Novais, estará aberta aos fiéis.

Romaria de Santo Antonino

Na forma dos anos anteriores, realiza-se no próximo domingo, dia 7, a tradicional Romaria de Santo Antonino, no pitoresco monte do mesmo nome, próximo desta cidade, a qual será anunciada, no sábado, por toques de Zés Preiras e, a noite, fogo de artifício e iluminação no monte.

No domingo os festejos serão anunciados por salvas de morteiros, dando entrada às 9.30 horas, no local da Romaria, a reputada banda dos B. V. de Guimarães (Guises).

A's 11 horas principiará a Missa solene, a grande instrumental, com sermão ao evangelho por um distinto orador sacro.

Findas as solenidades religiosas, será servido, em local apropriado, o costumeado «pic-nic», continuando durante a tarde o arraial, com música, bazar de prendas e outras diversões. Ao fim da tarde será lançado o fogo «cabeça de gato», gentilmente oferecido, na forma dos anos anteriores, pelo Sr. Manuel Fernandes Porto, Juiz da festividade.

Auxilie a indústria da sua terra! Não dê aos de fora o que aos seus faz falta!

Mande executar os seus trabalhos tipográficos na

Minerva Vimezanense

a mais categorizada casa desta cidade. — R. St.ª António, 133.

# Internato anexo ao Liceu de Martins Sarmiento

## GUIMARÃIS

○ Internato Liceal mais antigo e mais comodamente instalado.

Criado por Decreto de 24 de Agosto de 1911.

Por aqui passou a flôr da mocidade estudiosa de há 30 anos.

Educação moral e religiosa.

○ ensino oficial dirigido—ideal da educação moderna.

Resultados inexcedíveis. Nenhuma reprovação nos últimos tempos.

Preços moderados. Matrícula até 15 de Setembro.

Director:—P.<sup>o</sup> José Carlos Simões Veloso de Almeida.

### Pela Instrução

Escola Industrial e Comercial de «Francisco de Holanda»

Ano lectivo de 1940-1941

Resultado da frequência e exames

Curso de Com. -- nocturno

Português, 3.<sup>o</sup> ano (médias de exame) — António Gomes Soares de Oliveira, 14 val.; Benjamim de Castro Alves Ferreira, 12 val.; Francisco das Lufantias Alves da Silva Lobo, 10 val.; Joaquim de Oliveira Mateiro, 14 val.; José Silvío Pereira de Freitas, 10 val. Perderam o ano por faltas ou por média, 9 alunos.

Francês, 3.<sup>o</sup> ano (médias de exame) — Emanuel Mesquita Vieira de Andrade, 12 val.; Fernando Ribeiro, da Silva, 13 val.; Joaquim de Oliveira Mateiro, 14 val.; José Silvío Pereira de Freitas, 11 val. Perderam o ano por faltas ou por média, 10 alunos.

Direito comercial (médias de exame) — Afonso Machado, 10 val.; Fernando Ribeiro da Silva, 16 val., distinto; Fernando da Silva Reis, 11 val.; José Silvío Pereira de Freitas, 10 val. Perderam o ano por faltas ou por média, 8 alunos.

Escrituração comercial (médias de exame) — Custódio Augusto de Meireles Pinto Graça, 15 val., distinto; Emanuel Mesquita Vieira de Andrade, 14 val. Perderam o ano por faltas ou por média, 13 alunos.

Estenografia, (médias de exame) — Afonso Machado, 10 val.; António Gomes Soares de Oliveira, 16 val., distinto; Joaquim de Oliveira Mateiro, 11 val.; Maria Amélia Mendes Soares, 14 val.; Maria Cândida Barbosa Mora, 13 val. Perderam o ano por faltas ou por média, 12 alunos.

Curso industrial, nocturno

Português, 1.<sup>o</sup> ano — Maria Eunice de Barros Mora, 11 val.; Domingos da Silva, 10 val.; João Teixeira, 10 val.; José Vicente Gonçalves, 10 val.; Júlio Nunes, 10 val.; Manuel da Cunha, 11 val.; Manuel Joaquim Guimarães, 10 val.; Paulo Fernando Plácido Pereira, 10 val. Perderam o ano por faltas ou por média, 2 alunos.

Matemática, 1.<sup>o</sup> ano — Maria Eunice de Barros Mora, 10 val.; Domingos da Silva, 11 val.; João Teixeira, 14 val.; Júlio Nunes, 11 val.; Manuel Joaquim Guimarães, 11 val. Perderam o ano por faltas ou por média, 2 alunos.

Desenho geral, (médias de exame) — João Teixeira, 10 val.; Júlio Nunes, 10 val.; Manuel Joaquim Guimarães, 10 val. Perderam o ano por faltas ou por média, 4 alunos.

Português, 2.<sup>o</sup> ano — Abílio Pereira Gonçalves, 14 val.; José Júlio de Meireles Pinto Graça, 11 val. Perderam o ano por faltas ou por média, 2 alunos.

Matemática, 2.<sup>o</sup> ano (médias de exame) — José Júlio de Meireles Pinto Graça, 13 val.; Manuel da Cunha, 10 val. Perderam o ano por faltas ou por média, 5 alunos.

Desenho ornamental, 1.<sup>o</sup> ano — Abílio Pereira Gonçalves, 12 val.; Augusto Manuel da Costa, 10 val.; Francisco Pereira, 10 val.; José Júlio de Meireles Pinto Graça, 10 val. Perderam o ano por faltas ou por média, 3 alunos.

Português, 3.<sup>o</sup> ano (médias de exame) — António Custódio Gonçalves, 14 val.; Armando da Rocha Macedo, 14 val.; Benjamim de Castro Alves Ferreira, 13 val.; José António de Freitas, 15 val., distinto. Perderam o ano por faltas ou por média, 2 alunos.

Desenho ornamental, 2.<sup>o</sup> ano — Ar-

mando da Rocha Macedo, 10 val.; Domingos da Silva, 10 val.; Francisco de Oliveira Lemos, 10 val.; João Mendes de Sousa Neves, 10 val.; José António de Freitas, 10 val.; José Francisco Novais, 11 val.; Manuel Pereira de Lima, 10 val. Perderam o ano por faltas ou por média, 4 alunos.

Debuxo, 2.<sup>o</sup> ano — Armando da Rocha Macedo, 12 val.; Domingos da Silva, 10 val.; Francisco de Oliveira Lemos, 10 val.; Jacinto da Silva Guimarães Júnior, 12 val.; José António de Freitas, 11 val.; José Francisco Novais, 10 val.; Manuel Pereira de Lima, 10 val. Perderam o ano por faltas ou por média, 2 alunos.

Oficina de tecelagem, 1.<sup>o</sup> ano — António Custódio Gonçalves, 10 val.; Armando da Rocha Macedo, 11 val.; Domingos da Silva, 10 val.; Francisco de Oliveira Lemos, 10 val.; José António de Freitas, 10 val.; José Francisco Novais, 10 val.; Manuel Pereira de Lima, 10 val.; Manuel Teixeira da Silva, 10 val. Perderam o ano por faltas ou por média, 2 alunos.

### JUSTIÇA...

Elementos para a história da estrada e confraria de S. Bento — Vizela

A' memória de Armindo Pereira da Costa e Dr. Manuel Caldas.

(Continuado do n.º 498)

Surge então, anos depois, esse illustre vizelense, na liça, pugnando também com acrisolado amor por essa estrada para S. Bento.

Antes, tinha fundado a Associação de Beneficência, das Caldas de Vizela, aprovada por alvará de 2 de Julho de 1924. A realização desta obra, sua ideia principal, acarretou ao bom e modesto Dr. Manuel Caldas, boatos malévolos infundados, com que tentaram ferir a sua alma perfeita de homem honrado e digno, que na friza do seu semblante escondia toda a pureza e bondade do seu coração.

Fizeram-lhe, então, justiça!... E o ídolo calúnia com pés de barro, caiu estrondosamente. Essa Associação de Beneficência, principia a singrar num certo progresso, e durante um espaço de tempo notável, fez sentir a sua acção.

O Dr. Manuel Caldas, pai dos pobres, o protector dos miseráveis, conseguira à custa de inúmeros sacrificios, com festas, peditórios e espectáculos, amehalar parcos capitais com que queria, quando morresse, brindar a pobreza, legar aos famintos e nus, umas telhas para se cobrirem, uma sopa para se alimentarem...

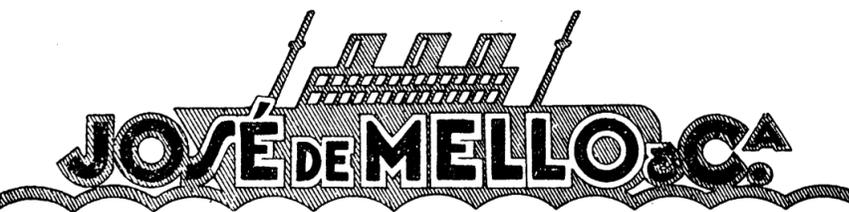
Depois, desleixo, silêncio, esquecimento!... Apenas uma empenada taboleta, a perder a viveza da cor, atesta que, em tempo ido, existiu uma Associação de Beneficência!... Por baixo, perdida para o transeunte moderno, não anúncia por que tem o nome lídimo do poeta, a seguinte quadra:

“Dai à pobreza, é glória que se alcança; E' augusta a missão de consolar; Há lágrimas occultas sem esperança, Há poemas de dor junto do lar.”

BRÁULIO CALDAS.

Que pena perderem-se assim as jóias literárias de Bráulio Caldas!... Que dor ver desaparecer assim uma obra de tanta envergadura, somatório esquecido de tanto esforço, sacrificio e desgosto!...

Mais feliz na realização desse sonho doirado, ligar a ridente e progressiva Vizela ao cume agreste de S. Bento, para dar aos naturais, aqúistas ou visitantes a facilidade de acesso, de transporte — no momento em que a ciência principiava a impôr como ordem nova, a comodidade e rapidez de comunicações — para assim admirarem as belezas naturais com que esse ex-



**DESPACHOS DE EXPORTAÇÃO,**  
**IMPORTAÇÃO E CABOTAGEM**

**RUA NOVA DA ALFANDEGA, 67**  
**PORTO**

**CASA FUNDADA EM 1828**

**TELEFONES { Escritório, 73**  
**{ e Estado, 57**

**Agentes de Navegação, de Trânsito, de Fabricantes**  
**e Negociantes estrangeiros e nacionais**

### Grémio da Lavoura de Guimarães

#### AVISO

De harmonia com o § 3.<sup>o</sup> do Art.º 31.<sup>o</sup> dos Estatutos dêste Grémio, deverá realizar-se em Outubro próximo a eleição dos procuradores que constituirão o Conselho Geral dêste organismo.

São avisados por isso os Associados Contribuintes dêste Grémio que sejam produtores agrícolas em mais de uma freguesia para virem declarar, até 15 de Setembro próximo, pela forma estabelecida no § único do Art.º 11.<sup>o</sup> dos Estatutos, em qual delas desejam exercer o seu direito de voto.

Guimarães, 20 de Agosto de 1941.

(138)

A Direcção.

tenso vale foi pródigoamente dotado, o Dr. Manuel Caldas foi de facto o realizador dessa estrada.

Lembro-me bem. O seu esforço, todo o seu trabalho, deve ainda perdurar na memória dos vizelenses. *Eu já neste jornal o tinha afirmado, no n.º 361 de 8 de Janeiro de 1939.*

Foi o apóstolo fervoroso a quem as vicissitudes não desarmaram, e que colheu o fruto do seu trabalho insano, a que se dedicou com um amor extremo.

¿Que importa sacrificios e desgostos em prol de uma causa justa, se um dia, cedo ou tarde, se colhe o pómo suculento e vistoso de tanto trabalho? ¿Que importa as acerbas apreciações da critica, quantas vezes dum políorismo duvidoso, dum policromismo contudente, se ao realizar-se a obra, depois de uma porfiada síntese, algo se encontra de útil, de puro?! ¿Não existiu, um dia, um vizelense também illustre — ingratamente esquecido — que levou o seu bairrismo a empenhar a obra grandiosa da construção duma *dónus municipalis*?! ¿Com esse ideal elevado não comprometeu ele, num supremo sacrificio, a sua fortuna pessoal?!

Como poderá olvidar-se tanto sacrificio e amor bairrista do Dr. Armando de Freitas R. de Faria?!

A mocidade de hoje talvez o ignore, os velhos de ontem têm-no bem presente...

Que se seja esquecido vá, mas ingrato, não.

A personalidade modestíssima do Dr. Manuel Caldas, entronca nessa trindade de intellectuais de maior relevo que Vizela possui, e que tinha como docei angular sen tio o sábio Dr. Pereira Caldas, e como base brilhante, seu irmão, o poeta saúdoso das “Aurorinhas Mansas... Jamais alguém viu exteriorizar vaidosamente ao Dr.

Manuel Caldas as suas obras. Como as grandes almas, preferia trabalhar na sombra, afastar-se da espectacular ostentação dos seus feitos, e, procurar no acanhado do lar, no silêncio frio do seu gabinete, a justa paga do seu esforço, a tranquilidade de quem cumpriu um dever.

(Continua.)

Júlio Damas.

#### Carta de Inglaterra

#### A Guerra destruidora da Beleza

Hoje o dia estava lindo e fomos tomar ar e luz e sol, em direcção a essa Londres martirizada, «Cidade Forte de Refúgio», como Winston Churchill a denominou, — cidade dos velhos foros de independência para a Inglaterra e para todas as nações. Fomos para os lados de Oeste da cidade, vamos visitar, nos primeiros arredores de Londres, o formoso e famoso burgo de Chelsea.

A beira do Tamisa, se erguia, noutros séculos, a pequenina aldeia que a aristocracia do sangue e do dinheiro escolheu para se recolher do bulício do centro comercial da Metrópole. Era local chero de pitoresco e de recordações. Colhiam-se ali os deliciosos morangos de Chelsea e lá se faziam aquelas estatuetas de porcelana, representando pastoras e leiteiras, que vinham dos tempos velhos do bucólico e hedónico século XVIII. Os ingleses gostam de ter em casa figuras suaves da vida campestre.

Chelsea era burgo de palácios, solares, vivendas e jardins, à beira do

rio londrino. E ali amava ir comungar com a natureza, nos dias de ar diáfano, por entre arbustos floridos e árvores fruteiras, essa humana e grande figura de humanista e santo que foi Tomás More.

Em Chelsea se erguia um asilo venerável de soldados reformados, construído em seu estilo do século XVII, com seu parque, jardins e hortas bem cuidadas por aqueles que, na velhice, descansavam do serviço da pátria, cuidando das hortaliças e regando as plantas garridas.

E ali gostavam as mulheres e as crianças de irem dar de comer aos cisnes, pelo sol poente. Ali gostavam de deambular artistas depois que o americano Whistler lá foi encontrar temas de inspiração, gratos ao temperado sentimento inglês.

Mas a beleza e o encanto venerável do burgo, pacato e fidalgo, foram afrontados pela fúria da guerra destruidora do sentimento e da beleza. Uma chuva de bombas incendiárias choveu sobre o jardim e o asilo dos velhos soldados, — reformados de tantas comissões honradas e honrosas, de tantos serviços ignorados mas heróicos.

Era lindo e querido ao sentimento humano e estético dos ingleses aquele asilo cuja construção fora completada por Sir Christopher Wren, mago nacional da beleza arquitectónica. Essas construções primorosas de bom gosto, contido e fino, muito têm sofrido dos bombardeamentos bárbaros.

Nós somos, felizmente, tecidos de uma fibra que não quebra nem quebra com a destruição material do que nos seja querido. Tudo isso nos torna mais ardorosos no empenho de defendermos mais que as nossas casas, as nossas almas e nelas a sua própria essência de livre arbitrio que Deus nos deu.

Há uma história de amor que se evola da velha caserna real de Chelsea. Foi uma rapariga do povo, segundo diz a lenda, que lhe deu origem. Uma vendadeira de laranjas de Drury Lane agradou ao soberano inglês, Carlos II. Chamava-se ela Neil Gwynne. A real concubina moveu o coração do Rei a ordenar a fábrica de abrigos reais para descanso de marujos e soldados, velhos, feridos, cansados, nos quais pudessem, após as lutas sangrentas, acabar morrendo ao sol poente de uma grande paz.

O asilo dos soldados foi construído em Chelsea, junto de um grande parque. Era sagrado, para os soldados e para todos os ingleses, o asilo real onde os veteranos contemplavam, num êxtase de glória, estandartes tomados ao inimigo em Blenheim e Waterloo. Aquelle recolhimento era, também, um monumento da história militar britânica.

Mas outras ruínas mais graves se me depararam. *The pity of it!* A igreja paroquial de Chelsea, tão velha e linda, com seis séculos de orações a Deus e de conforto — para as almas

dos crentes — foi totalmente destruída. Destruídos e profanados os túmulos de tantos que, em tantos séculos, ali foram dormir o longo sono da morte.

A piedosa igreja do silencioso e florido burgo aristocrático de Chelsea era perfeita de linhas e tinha um encanto todo tão seu que não havia talvez encontrar outra tão linda nessa Londres tão grande, no tamanho, no tempo e na alma.

D. P.

### Do Concelho

Vizela, 28.

Consta-nos que os touros roubados há tempo, em Matozinhos, já foram apreendidos e entregues ao seu dono, estando presos os autores do roubo e seus receptáculos.

— O sr. Gaspar Machado, sua esposa e algumas pessoas amigas foram passar o domingo p. p. ao pitoresco e aprazível alto do Monte de S. Bento em íntimo convívio.

— Parece que da recente reunião para eleição, ou nomeação de novos orientadores para o Futebol Clube de Vizela, foram eleitos os srs. Armando Martins Camêlo, António Simões e João Pedrosa, de cuja actuação muito há a esperar, com a incumbência ainda de agregarem novos elementos de Direcção.

— Na pretérita semana consorciou-se o sr. Flávio Faria. Parabéns e votos de felicidades.

— Consta-nos que também se realizou brevemente o casamento do nosso amigo sr. Adelino Fontão com a sr.ª D. Maria Fernanda Fernandes, digna funcionária dos Correios em Louzada.

— Continuam a chegar muitos aqúistas.

— Com sua esposa e filhos encontra-se na sua casa desta vila, o sr. Oliveira, digno Inspector Escolar neste Distrito.

— Oportunamente se realizará, em S. Miguel, uma grandiosa festividade em honra do Sagrado Coração de Jesus. — C.

Caldas das Taipas, 29.

Na madrugada da passada terça-feira os gatinhos assaltaram a Casa do Canto de Baixo, desta freguesia. Presentidos, tiveram de se raspar apressadamente, deixando dois sacos, um com dois e outro com três alqueires de centeio.

Acosados por alguns populares que se juntaram aos gritos de alarme foram-se retirando fazendo fogo contra eles.

Cada vez se faz sentir mais a falta de um pósto da G. N. R. que não deixaria agir à vontade estes e outros meliantes, pósto que, a-pesar-de prometido há muito tempo, ainda não chegou cá... por falta de transportes!

— Tem aumentado consideravelmente o número de frequentadores da nossa estância com a chegada de muitas famílias da mais fina sociedade entre as quais se contam as dos srs. Dr. Alberto Pinheiro Tórres, illustre Deputado da Nação, e José Jacinto Júnior, importante proprietário e industrial da cidade de Guimarães.

— Estiveram entre nós, de visita ao distinto escritor sr. Júlio Brandão, os srs. Drs. João de Castro e Manuel Monteiro, antigo Ministro da República e actual Juiz do Tribunal Internacional do Egipto.

— Andam mais contentes os pobres desta freguesia e limitrosos pelo facto de já ontem lhes ser distribuída nas padarias maior quantidade de pão, isto é, dois quilos para cada família quando até agora lhes era distribuído apenas uu.

Esse contentamento traduz-se do seguinte, que observamos:

Dois rapaziños, de S. Martinho de Sande, corriam precipitadamente para uma das padarias com o justo receio de que o pão não chegasse para eles.

Uma mulherzinha seguia em sentido contrário, já munida com o seu quinhão e disse-lhes:

— Ide devagar, que hoje não falta lá pão, graças a Deus! Que sempre assim fôsse é o nosso maior desejo! — C. C.